

UNIVERSIDADE DE COIMBRA
FACULDADE DE LETRAS

FICHEIRO EPIGRÁFICO

(Suplemento de «Conimbriga»)

128

INSCRIÇÕES 541-543



INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA, ESTUDOS EUROPEUS, ARQUEOLOGIA E ARTES
SECÇÃO DE ARQUEOLOGIA
2015

FICHEIRO EPIGRÁFICO é um suplemento da revista CONIMBRIGA, destinado a divulgar inscrições romanas inéditas de toda a Península Ibérica, que começou a publicar-se em 1982.

Dos fascículos 1 a 66, inclusive, fez-se um CD-ROM, no âmbito do Projecto de Culture 2000 intitulado VBI ERAT LVPA, com a colaboração da Universidade de Alcalá de Henares. A partir do fascículo 65, os volumes estão disponíveis no endereço http://www.uc.pt/fluc/iarq/documentos_index/ficheiro.

Publica-se em fascículos de 16 páginas, cuja periodicidade depende da frequência com que forem recebidos os textos. As inscrições são numeradas de forma contínua, de modo a facilitar a preparação de índices, que são publicados no termo de cada série de dez fascículos.

Cada «ficha» deverá conter indicação, o mais pormenorizada possível, das condições do achado e do actual paradeiro da peça. Far-se-á uma descrição completa do monumento, a leitura interpretada da inscrição e o respectivo comentário paleográfico. Será bem-vindo um comentário de integração histórico-onomástica, ainda que breve.

Toda a colaboração deve ser dirigida a:

Instituto de Arqueologia
Secção de Arqueologia | Departamento de História, Estudos Europeus, Arqueologia e Artes
Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra
Palácio de Sub-Ripas
P-3000-395 COIMBRA

A publicação deste fascículo só foi possível graças ao patrocínio de:



UMA CONSAGRAÇÃO AOS DEUSES BONS
PROVENIENTE DE LISBOA (*OLISIPO*)
(*Conventus Scallabitanus*)

No mês de Junho de 2013, durante o processo de acompanhamento de uma obra, a cargo da empresa ERA-Arqueologia¹, foi identificada uma ara romana inédita, objecto desta notícia. O achado ocorreu quando se procedia à abertura de uma vala destinada às condutas de abastecimento de um edifício situado no final da Travessa das Merceeiras, perto do Teatro Romano e da Sé, sendo originário, portanto, de um ponto situado em plena cidade romana.

O monumento corresponde a uma ara de lioz rosada, profundamente afectada na sua parte inferior, tendo-se perdido a última linha do texto e uma boa parte da base. O resto da peça encontra-se razoavelmente conservada, ainda que denunciando considerável desgaste, permitindo, no entanto, definir o achado como enquadrável numa tipologia bastante comum entre o material epigráfico de Lisboa. O monumento é encimado por plinto que assenta numa cornija, definida na sua parte inferior por moldura bem marcada. A inscrição denuncia trabalho oficial pouco cuidado, especialmente patente na irregularidade dos caracteres, tanto no que respeita à dimensão como ao *ductus*.

¹ Os trabalhos foram dirigidos por Luís Alexandre Sarrazola e Nuno Barreiras. Agradecemos aos responsáveis pela ERA-Arqueologia e aos seus técnicos todas as facilidades concedidas para o estudo e publicação deste monumento.

Para além disso, identifica-se uma situação em que se inverteu o desenho do M, anomalia difícil de compreender, especialmente num ambiente de profissionais qualificados.

O processo de *ordinatio* revela uma distribuição lógica do texto, uma vez que cada elemento ocupa sua linha, exceptuando-se o nome do segundo dedicante, o qual, pela sua extensão – o indivíduo apresenta dois *cognomina* – se distribui por duas.

A paginação rege-se pela tendência geral para um alinhamento à esquerda, denunciado de forma mais ou menos clara em todos os casos, mas sem que essa regra seja integralmente respeitada. Nas linhas em que o texto a gravar é manifestamente mais reduzido, o início situa-se um pouco mais à direita, como se se buscasse alguma simetria.

Dimensões: 79 x 43 x 31; plinto: 16 x 38 x 29, no qual se insere uma linha, alt. entre 6,0 (D) e 8,9 cm (C); alt. das outras linhas: 2.^a 5; 3.^a 4,8; 4.^a 4,2; 5.^a 3,8; 6.^a 3,8

Espaços: 1.º 1,8; 2.º 1,0; 3.º 0,9; 4.º 1,1; 5.º 1,1; 6.º 0,9.

*D(iis) B(onis) sac(rum) / Cinteri et Muno / G(aius)
P(---) Marcin(us) / cum fil(io) / G(aio) P(---) Marcello /
Crescen[te] / -----*

Consagrado aos Deuses Bons, a Cíntere e Muno. Gaio P. Marcino, juntamente com o filho, Gaio P. Marcelo Crescente, (...).

Estamos perante um vestígio epigráfico com elementos que lhe conferem carácter muito peculiar, algo problemático, mas relevante no contexto da cidade de *Olisipo* e até, pelas novidades que encerra, no da própria epigrafia hispânica.

A onomástica plenamente romana dos indivíduos que dedicam este monumento está de acordo com a tendência geral verificada na cidade de *Olisipo* para a predominância de uma denominação segundo a tradição quiritária. Neste caso concreto, porém, o gentílico reduz-se à letra inicial, tornando algo especulativa uma proposta de interpretação, embora seja bem conhecida, neste âmbito urbano, a predominância dos

*Pompeii*², circunstância que confere primazia a esta hipótese.

O *cognomen* da primeira personagem parece ser *Marcin(us)*, raro na Lusitânia³ e na Península Ibérica. Se tivermos em conta que o N se encontra parcialmente obliterado, poderia, em última análise, admitir-se a existência de um nexa AN, o qual se sustentaria essencialmente na abundância de *Marcianus*, mas esta hipótese não pode ser confirmada. A segunda personagem, filho da primeira, apresenta duplo cognome, também de origem latina.

O monumento é encimado pela fórmula, também ela rara, *D(is) B(onis) sac(rum)*, que eu saiba não atestada na Hispânia, mas que apresenta alguns paralelos em âmbito africano. As dedicatórias similares conhecidas correspondem a inscrições votivas a divindades bem representadas no panteão clássico (*Aesculapius, Fortuna, Victoria, Saturnus, Iuppiter, Hercules, Mercurius, Venus, Mars, Salus*), mas também entidades como *Tellus, Nutrix, Testimonium, Mens* e *Dies*. Esta realidade documenta-se na província da Numídia, particularmente em *Lambaesis*, e entre os dedicantes se encontra o *p(raeses) p(rovinciae) Numidiae Aur(elius) Decimus*, que exerceu a sua função em 283-284 d. C. A referência aos Deuses Bons faz-se algumas vezes por extenso (CIL VIII 2590; AE 1919 27; AE 1973 630, de *Lambaesis*), mas também de forma abreviada (CIL VIII 8246, 8247 e 8269), à semelhança do que acontece na inscrição olisiponense.

No entanto, ao contrário dos exemplos africanos, os nomes referidos a seguir à fórmula inicial não correspondem a qualquer entidade divina conhecida. Na realidade, a invocação *Cinteri*, ocorre pela primeira vez em toda a epigrafia latina e o dativo *Muno* é também desconhecido no âmbito teonímico, podendo apenas apontar-se uma eventual presença na onomástica pessoal.

² GUERRA (Amílcar), «Os mais recentes achados epigráficos do Castelo de S. Jorge, Lisboa», *Revista Portuguesa de Arqueologia* 9(2) 2006 283-284.

³ Em NAVARRO (Milagros) e RAMÍREZ (José Luís) eds., *Atlas antroponímico de la Lusitania romana*, Mérida 2000 228 regista-se uma única vez, num patronímico (*Marcus Marcini f.* – de Infias, Fornos de Algodres, Guarda). Em toda a Hispânia, ABASCAL (Juan Manuel), *Los nombres personales en las inscripciones latinas de Hispania*, Madrid-Murcia, 1994 414) refere apenas mais um outro exemplo, de uma *Marcina*, em Conil (Cádiz).

Este nome figura em alguns repertórios, aproximando-se de dois antropónimos considerados indígenas e ambos documentados na região: a forma feminina *Mu(n)na* e o nome *Munius*, tomados como vestígios da onomástica da Lusitânia⁴. A existência deste conjunto onomástico, todavia, não é pacífica, uma vez que parte significativa das ocorrências hispânicas de *Munus*, *Munius* e *Mu(n)na* foi já contestada ou lida de forma diferente⁵. Contudo, pode considerar-se segura pelo menos a sequência *Mune Magilonis*, registada num epitáfio de Capilla (Badajoz), o contributo mais consistente para sustentar o carácter indígena do antropónimo. Naturalmente, não deve esquecer-se o gentílico latino *Munius*⁶, e o *cognomen* romano *Munilla*. Por fim,

⁴ PALOMAR (Manuel), *La onomástica personal pre-latina de la antigua Lusitania*, Salamanca, 1957 87; NAVARRO e RAMÍREZ, *op. cit.* 244; VALLEJO (José María), *Antroponimia indígena de la Lusitania romana*. Vitoria – Gasteiz, 2005 362-363.

⁵ Para a de Santa Marta de Mangasca (Cáceres), onde se pretendeu ler *L. Rutilius Munus* (CIL II 688), Abascal (*op. cit.* 51) propõe *L. Rutilius Vi[---]tus*; na de Unhós, Loures (CIL II 264), o mesmo autor (ABASCAL, *ibidem*) corrigiu a sequência *Iulius Munii* para *Iulius Mun[---] lib.*; uma das atestações de *Munna* (CIL II 251) resultaria de uma interpretação ousada de M.III.NNA, transmitida pelos manuscritos, em que já se viu *m(ensium) IIII [- - -]nna* (EDCS 05500261; HEpOL 21304); este monumento é transmitido pelos mesmos autores que informam sobre CIL II 238; inscrições provenientes do mesmo lugar e que patenteiam afinidades em algumas partes do texto: NIGRINO / NIGELLIO, MVNNA / MIIII NNA, devendo considerar-se a hipótese de estarmos perante duas leituras distintas de uma única lápide, de difícil legibilidade; a sequência MVN LVPERC TVRAI F de Hinojosa del Duero (Salamanca) tem sido interpretada como *Mun(us)* – MALUQUER (Juán), *Catálogo monumental de España: provincia de Salamanca*. Madrid, 1967 55 – o que é questionável; numa epígrafe de Castillejos (Cuenca), restituiu-se o *cognomen* *[M]un[nae]*, com base nos antecedentes olisiponenses que se corrigiram.

⁶ Como *L. Munius Quir. Aurelianus* e *L. Munius Quir. Novatus*, documentados numa inscrição (CIL II 1945) de Álora (Málaga). Provavelmente regista-se este mesmo gentílico, na sua forma feminina, num monumento proveniente de Alvalade do Sado, no qual veio a ler-se mais recentemente o gentílico *Mu[n]ia* v. ENCARNACÃO (José d') «Problemas em aberto na epigrafia miobrigense», *Conimbriga* 35 1996 142-144 [= HEp 7 1997 n° 1203]. Todavia, o seu enquadramento cultural, bem vinculado com a tradição onomástica local, poderia de alguma forma apoiar a proposta de J. M. Vallejo (*op. cit.* 363) da co-existência, pelo menos em âmbito lusitano, do gentílico latino *Munius* com nomes similares de origem hispânica.

Muno poderia eventualmente ter relação, no âmbito da epigrafia hispânica, com o teónimo feminino documentado na epigrafia latina sob a invocação *Munidi*, mas que também ocorre em algumas inscrições em lusitano⁷.

Sobre a forma *Cinteri* as dificuldades são ainda mais notórias. Ainda que possa haver nomes potencialmente com ela relacionados⁸, não nos parece que a afinidade gráfica e a fonética sejam suficientes para validar qualquer hipótese.

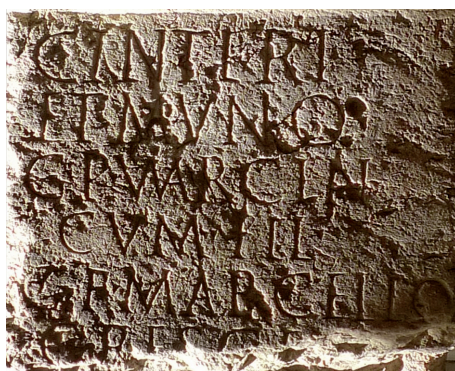
Acresce que a interpretação dos dois nomes problemáticos pela via das línguas pré-romanas se depara com o óbice importante de se registarem num contexto fortemente romanizado, sendo, por isso, mais natural esperar uma explicação no âmbito cultural romano. A favor disso poderia falar igualmente o carácter tardio da inscrição, patente também em algumas dedicatórias norte-africanas, proposta que, apesar das limitações inerentes a este critério, parece compatível com a paleografia do monumento.

AMÍLCAR GUERRA⁹

⁷ Atesta-se, sob a forma *Mu[ni]di Igaed[---]*, numa ara de Idanha-a-Velha (AE 1967 142), numa inscrição rupestre de Celorico da Beira (CIL II 424; HEp 2 792); em Talaván (AE 1916 8), como *Munidi Eberobrigae Toudopalandaigae*; na inscrição em língua “lusitana” de Arronches (HEp 17 251), neste caso como *Munitie*; e, muito provavelmente, também na de Arroyo de la Luz I (CIL II 738; MLH IV L.1.1), tendo em conta a sequência MVITIE transmitida pelos manuscritos.

⁸ No âmbito hispânico, o antropónimo *Cintumunis* (Vaz, 1997, n. 36, de Pinho, S. Pedro do Sul), aparentemente composto por dois elementos (*Cint-* e *Mun-*) que se registam em cada um dos nomes desta problemática sequência. *Cintu-* encontra-se bem atestado na onomástica gaulesa, em exemplos onde o processo de formação é claro, como *Cintugena*, *Cintugnatus* v. EVANS (David Ellis), *Gaulish personal names: a study of some Continental Celtic formations*, Oxford, 1967 179-180; VALLEJO, *op. cit.* 469.

⁹ Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras, UNIARQ, aguerra@campus.ul.pt



541

NUEVA INSCRIPCIÓN FUNERARIA GADITANA

Es una pequeña placa de mármol blanco de aspecto irregular debido a que el contorno está roto en el lado izquierdo y bastante mellado, especialmente en los ángulos superior e inferior derechos. Por la parte posterior la superficie es lisa. Debajo de la última línea se observa un resalte que si bien podría corresponder a la superficie que enmarcaba un campo epigráfico rebajado, tampoco es imposible que corresponda simplemente al estado del soporte previo a su utilización para la inscripción. En efecto, otras características de la placa nos hacen sospechar que para *Bruttia* se reutilizó quizá un recorte sobrante del taller de un marmolista. Así, entre los dos primeros renglones y atravesando parcialmente las tres primeras letras del segundo, se aprecian los restos de una línea que si bien parece a primera vista de pautado, curiosamente, no funciona como tal en el texto y debió haber sido trazada con otra intención. El estado de conservación es bueno.

Sus medidas son 16,3 x 18 x 3/2 cm.

D(is) M(anibus) s(acrum)

Bruttia

Prisca

vix(it) anno(s)

XXXVIII

Altura de las letras: 1,2 cm en las líneas 1 y 5 y de 2 cm en las líneas 2-4. Espacios interlineales: 1,5 cm.

La impaginación, bastante rudimentaria, se realizó respecto a un eje central, excepto para la línea 5. No hay signos de interpunción. Las letras de surco poco profundo, irregulares, de calidad mediocre y ejecución imprecisa parecen realizadas a mano alzada (nótese, por ejemplo, que, en la l. 4, la palabra *vix(it)* presenta ondulaciones en los trazos oblicuos de N, V y X).

Hay que observar en la línea 4 la caída de la S final en la palabra ANNO un fenómeno habitual bien documentado.¹ El gentilicio *Bruttia*, bien conocido por ser de una destacada familia senatorial con conexiones con los Antoninos,² no es muy común en Hispania. Lo encontramos en la *Baetica* en *Celti* (HEp 10, 533 y 534), en la Hispania Citerior en *Segobriga* (CIL II 3121 = *IRSegobriga* 3, 00081) y *Tarraco* (CIL II²/14-3, 1490), y, en Lusitania en *Myrtilis* (CIL II 5178 = *IRCP* 103) y en la *Civitas Igaeditanorum* (HEp 13, 883).

Por la onomástica y el formulario se podría fechar a finales del siglo II o en el III.

ANTONIO RUIZ CASTELLANOS



542

¹ A. J. CARNOY, *Le latin d'Espagne d'après les inscriptions*, Hildesheim, 1971, p. 179-199; M. BASSOLS DE CLIMENT, *Fonética Latina*, Madrid, 1973, p. 192-193, n^{os} 256-257.

² MENNEN, I., *Power and status in the Roman Empire, AD 193-284*, Leiden, 2011, p. 90-91.

INSCRIPCIONES FUNERARIAS ROMANAS DE CÁDIZ

La excavación arqueológica realizada en 2011 en el solar de la calle Santa María Soledad nº 4, en la zona extramuros de Cádiz, ha dado como resultado la constatación de dos fases de necrópolis, una tardopúnica del s. II a. C.¹ y una romana altoimperial del s. I d. C.

La fase romana altoimperial se iniciaría en el s. I d. C., localizándose una serie de estructuras hidráulicas, canalizaciones, pileta y pozo, y dos inhumaciones en fosa simple. En momentos avanzados del s. I d. C., se situarían las 12 fosas romanas documentadas, que se sumarían a las 3 localizadas en el control perimetral previo. Estas fosas presentan abundantes materiales cerámicos y óseos y, en ocasiones, cortan estructuras hidráulicas anteriores. Entre las cerámicas, junto a fragmentos de cerámica común y de ánforas, sobre todo de Dressel 7/11, sobresalen copas y cuencos de *terra sigillata* itálica y subgálica, vasos “de paredes finas” y vasos con forma de ave o “askoi”. Las características formales de estas estructuras negativas, su cota y posición estratigráfica, que corta niveles más antiguos, así como los elementos que las rellenan tales como huesos de fauna, los “askoi”, los opérculos o tapaderas, clavos de hierro y bronce y restos de ungüentarios de vidrio nos harían identificarlas como vertederos relacionados con la necrópolis. En alguna de estas fosas (UE15, UE100) aparecen algunos fragmentos de inscripciones en mármol (inscripciones 6 y 7). También se encuentra algún fragmento de inscripción (inscripciones 9 y 10) en el relleno de un pozo (UE36)

¹ Cf. A. M. NIVEAU DE VILLEDARY y Marcos A. MARTELO FERNÁNDEZ, “Puntualizaciones sobre los “pebeteros en forma de cabeza femenina” tardopúnicos. A propósito de un hallazgo reciente”, *Spal* 18, 2014, 160.

amortizado en estos momentos del s. I d. C.

Cortando alguna de estas fosas y alguna estructura hidráulica anterior se documenta una serie de cimentaciones, realizadas principalmente con cantos, que corresponderían a una fase constructiva posterior arrasada, de la que no tenemos apenas más vestigios, y que aparece cubierta por un nivel de abandono (UE3), donde entre otros materiales altoimperiales y bajoimperiales, se hallaron varios fragmentos de inscripciones (inscripciones 1, 2, 3, 4, 5 y 8).

Todas las epígrafes se conservan en el Museo de Cádiz (inv. n. DEPÓSITO: DJ-13-2), donde las vi y fotografié en el año 2011.

543-1

Placa de mármol rota en todos sus lados menos por abajo donde conserva borde original, con la parte posterior lisa. Corresponde a la unidad estratigráfica SMS4/11/AA/C4/UE3/EPI-1.

Mide (7) x (3,5) x 1,8 cm.

[- - - ? H(ic)] S(it-) • E(st) [S(it) T(ibi) T(erra) L(evis)]

Las letras, de buena factura, son capitales cuadradas con remates muy marcados de una altura de 5 cm. La interpunción es en forma de *hedera*.

543-2

Placa de mármol quebrada por todos los lados, con la parte posterior lisa. Corresponde a la unidad estratigráfica SMS4/11/AA/C4/UE3/EPI-2.

Mide (3,7) x (5) x 2,2 cm.

[- - -] VS + [- - -]

Las letras, de muy buena factura, son capitales cuadradas de una altura de 2,7 cm.

La cruz puede que sea la línea recta transversa superior de una T.

543-3

Placa de mármol rota por todos los lados, con la parte posterior lisa. Corresponde a la unidad estratigráfica SMS4/11/AA/C4/UE3/EPI-3.

Mide (7) x (8) x 5 cm.

AN(*norum*)[---]
H(*ic*) • S(*it*-) [E(*st*) S(*it*) T(*ibi*) T(*erra*) L(*ev*is)]

Las letras son capitales cuadradas de una altura de 2,3 cm.
Interpunción circular.

543-4

Placa de mármol rota por todos los lados, con la parte posterior lisa de (6) x (3) x 1,8 cm. Corresponde a la unidad estratigráfica SMS4/11/AA/C4/UE3/EPI-4.

• H(*ic*) [S(*it*-) E(*st*) S(*it*) T(*ibi*) T(*erra*) L(*ev*is)]

La altura de las letras es de 2,5 cm. La interpunción es en forma de *hedera*.

543-5

Placa de mármol quebrada por los lados derecho e izquierdo, con la parte posterior lisa. Corresponde a la unidad estratigráfica SMS4/11/AA/C4/UE3/EPI-5.

Mide (4,8) x (3,8) x 2,5 cm.

[- - -]+ •

La altura de las letras es de 2,9 y la interpunción es en forma de *hedera*.

La cruz es un trazo oblicuo descendente, posiblemente una A o M.

543-6

Placa de mármol con vetas azules recortada por arriba, a la derecha, y, por abajo, en forma de ángulo con la parte posterior sin alisar. Corresponde a la unidad estratigráfica SMS4C/11/SSO/UE15/EPI.

Mide (11) x (10) x 2-1,5 cm.

AG[---]

Las letras, capitales cuadradas, tienen una altura aproximada de 5 cm.

Por el tipo de letra se fecha entre época flavia y trajanea.

543-7

Placa de mármol rota a la derecha y por debajo con la parte posterior lisa. Corresponde a la unidad estratigráfica SMS4/11/AA/C4/UE100/EPI-6.

Mide (7) x (7,2) x 1,6 cm.

M[*emoria*? ---]
I₁(*uci*) • S[---]

Las letras tienen una altura de 2 cm, en la primera línea y de 4,2 en la segunda donde conservan restos de minio y la interpunción es en forma de *hedera*.

Debido a que la M es comienzo de línea y a que en Cádiz dos epígrafes comienzan por el término *Memoria* (IRPCádiz 125 y 163) preferimos esta restitución a un posible *M(anibus) D(is)*, aunque no podemos rechazarlo, ya que hay testimonios de esta inversión, por ejemplo en Béjar (Salamanca; CIL II 882), en Arana (Alava, Hep 3, 14); *M(anibus)* sólo en la *civitas Igaeditanorum* (AE 2002, 677).

543-8

Placa de mármol quebrada por todos los lados, con la parte posterior lisa. Corresponde a la unidad estratigráfica SMS4C/11/SNE/UE3B/EPI.

Mide (6,2) x (3,5) x 1,5 cm.

[---]++[---]
[---]II [---]

Las letras capitales cuadradas tienen una altura de 2,8 cm en la primera línea y 2,5 en la segunda.

En la primera línea, la primera cruz es una I o una T, la segunda parece más bien una O que una Q. Puede que pertenezcan al final del *nomen* y comienzo del *cognomen*.

En la segunda línea los dos signos podrían formar parte del numeral de la edad.

543-9

Placa de mármol recortada por todos sus lados menos por abajo, donde conserva borde original. La parte posterior ha sido alisada con un escalpro dentado. Corresponde a la unidad estratigráfica SMS4/11/POZO/UE36/EPI-7.

Mide (7,5) x (10,1) x 1,5 cm.

[- -] VICT[- -]

Las letras, capitales cuadradas, tienen una altura entre 4 y 3,8.

Por la posición que ocupa, quizá podría ser inicio de un *cognomen* que empiece por *Vict-*.

Por el tipo de letra, segunda mitad del s. I o siglo II.

543-10

Placa de mármol recortada por todos los lados, menos por la derecha (?). En la parte posterior se observan *foramina* ciegos, distribuidos de forma alternante y regular, quizás con la intención de fijar la placa con algún cemento. Corresponde a la unidad estratigráfica SMS4/11/POZO/UE36/EPI-8.

Mide (6,5) x (9) x 4 cm.

[- -] + [- -]
[- -] S(- -) • [- -]

Las letras tienen una altura de 5 cm aproximadamente.

La + parece ser una S.

ANTONIO RUIZ CASTELLANOS
MARCOS A. MARTELO FERNÁNDEZ



543